

O FUTURO DA MÚSICA CLÁSSICA: PERSPECTIVAS PARA AS PRÓXIMAS DÉCADAS.

CELSO MOJOLA¹

RESUMO

Neste artigo, são elaboradas reflexões sobre os problemas que a música clássica enfrenta para seu desenvolvimento na sociedade contemporânea. Partindo-se da observação de que o mundo dos concertos tradicionais ocupa posição de limitada relevância frente ao Mercado global da Música, são analisadas características e práticas dos músicos clássicos que contribuem para uma gradativa diminuição da importância social desses eventos. Como subsídio para a renovação dessa prática musical, observada sob a perspectiva de sua evolução nas próximas décadas, são apresentadas cinco propostas que podem contribuir para uma atualização no relacionamento entre concerto e público.

Palavras-chave: música clássica; concerto; público; programas; Curadoria.

ABSTRACT

In this article we elaborate reflections on the problems that classical music faces for its development in contemporary society. Based on the observation that the world of traditional concerts occupies a position of limited relevance to the global music market, the characteristics and practices of classical musicians are analyzed, which contribute to a gradual decrease in the social importance of these events. As a subsidy for renewing this musical practice, observed from the perspective of its evolution in the coming decades, five proposals are presented that can contribute to an update in the relationship between concert and audience.

Keywords: classical music; concert; audience; programme; Curatorship.

¹ Compositor e pianista, doutor em composição pela Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO). Docente da Escola Superior de Música da Faculdade Cantareira, além de integrar o Núcleo de Iniciação Científica.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o desenvolvimento da música clássica para as próximas décadas, considerando as mudanças ocorridas na sociedade desde o início do século 21. Um dos pressupostos da abordagem é o reconhecimento de que esse gênero musical necessita de alguma renovação.

Optou-se pela denominação música clássica porque, além de consagrado pelo uso, o termo ganha cada vez mais força, superando expressões como música erudita ou música de concerto. Clássica, nesse caso, refere-se ao tipo de música veiculada em eventos (concertos ou recitais) realizados em teatros convencionais ou espaços de perfil semelhante. O repertório executado também delimita essa definição; no entanto, a diferença entre um concerto reconhecido tradicionalmente como clássico e outro, no qual essa classificação pode ser questionada, é cada vez menos nítida.

Fala-se sobre futuro, mas não se trata de previsão inconsequente. A abordagem é antes a de um planejamento estratégico, uma atitude prospectiva; observam-se as tendências e se trabalha para aproveitá-las da melhor maneira.

Certamente, compositores e produtores culturais estão diretamente conectados ao tema, vez que o futuro passa por suas competências; porém, como as mudanças vieram para ficar, entende-se ser do interesse de todos que atuam na área uma discussão acerca das propostas apresentadas.

2 MOVIMENTOS RENOVADORES

A ideia de reformar o mundo dos concertos não é algo inédito; já em épocas anteriores houve compositores e intérpretes que registraram essa preocupação. Recentemente, divulgou-se um texto que propunha mudanças tópicas nos espetáculos tradicionais².

Nesse caso o autor sugeria, entre outras alterações:

² Brönnimann, Baldur. *10 cosas que deberíamos cambiar em los conciertos clásicos*. Disponível em: <<http://quetescuchen.com/10-cosas-que-deberiamos-cambiar-en-los-conciertos-clasicos/>>. Acesso em: 5 abr. 2017.

- a) “O público deveria sentir-se livre para aplaudir entre os movimentos”;
- b) “Os programas deveriam ser menos previsíveis”;
- c) “As salas de concerto deveriam utilizar mais tecnologia de vanguarda”.

Compartilha-se ponto de vista similar; porém, deseja-se abordar alterações mais sistêmicas, não apenas relacionadas ao evento em si, mas, sobretudo, à sua concepção.

A partir dessa perspectiva, são comentados cinco movimentos renovadores que, em maior ou menor grau, vem sendo ajustados aos concertos de música clássica nos últimos anos e, segundo nosso entendimento, são fundamentais para sua revitalização.

2.1 Atuação cênica diferenciada

O perfil de um concerto clássico está estabelecido há muitos anos. A entrada dos músicos, as roupas, a demonstração da autoridade do regente e também o comportamento do público, tudo faz parte de uma liturgia bem definida; quanto mais tradicional o evento, mais rigorosamente essas regras são seguidas. Ainda que grande parte desse ritual tenha sua origem historicamente em situações ocasionais, apresenta-se, hoje, como um código que não deve ser alterado.

A manutenção rígida dessas “regras” contribui para manter a música clássica afastada de um público maior, além de não ser compatível com as estruturas democráticas do mundo contemporâneo.

Devemos refletir, inclusive, sobre o próprio espaço no qual ocorrem os concertos: teatros tradicionais apresentam configuração adaptada à sociedade do século 19. É verdade que as novas salas vêm sendo construídas a partir de parâmetros mais inovadores; porém, devemos considerar seriamente a realização de eventos em outros locais. Espaços não convencionais aliados a uma postura mais moderna dos intérpretes no palco irão contribuir para uma mudança significativa na recepção do repertório clássico.

Recomenda-se enfaticamente que músicos conversem com o público. E, muito importante, preparem-se adequadamente para isso! É necessário elaborar uma pesquisa sobre o que será exposto, e preparar um roteiro. Deve-se fugir da armadilha dos “concertos didáticos”, com suas explicações simplificadas e infantis, e também do oposto, demonstrações de “autoridade” e erudição inadequadas ao momento.

Um concerto clássico é, no seu núcleo, uma encenação, um tipo específico de teatro, e assim deve ser concebido e veiculado. Sob essa ótica, abre-se uma ampla gama de possibilidades, desde as mais elementares às mais complexas. No entanto, para que se obtenha o efeito transformador desejado, bastam pequenas alterações no discurso cênico tradicional, feitas com sensibilidade, adequadas às possibilidades dos músicos e, eventualmente, orientadas por um diretor, essas sutis intervenções tem potencial de gerar grande repercussão.

2.2 Curadoria

Curadoria é um conceito usual entre artistas plásticos, mas ainda não generalizado no mundo dos concertos, no qual se encontra restrito a festivais e a eventos localizados. Por curadoria entende-se o trabalho de um profissional, com qualificação adequada, que se responsabiliza pela escolha do repertório, dos músicos e até mesmo do espaço em que o evento é realizado. O curador pode definir a programação completa ou parte dela; pode também integrar um conselho maior, formado por outros curadores.

Tradicionalmente, em orquestras, algo dessa função é exercida pelo regente titular; existe também o diretor artístico e, em muitos casos, o regente principal acumula as duas funções. O desempenho desses papéis pode ser considerado um tipo de Curadoria adaptada para o universo da música clássica, embora não definida como tal.

Destaca-se, porém, o fortalecimento de uma curadoria proativa, por meio da qual são planejados concertos com perfis diferenciados. Seria muito bem-vinda, inclusive, a presença de curadores convidados, responsáveis pela programação de

eventos específicos dentro de uma temporada mais ampla. Orientados pelos princípios expostos neste artigo, agregariam viés inovador e abririam a possibilidade de divulgar obras que, além da qualidade artística, induzissem ao aprofundamento intelectual.

Surge uma pergunta: quem escolhe o curador? Teríamos assim uma “Curadoria de curadores”...

Deixando de lado o aspecto anedótico dessa situação, de fato os dirigentes responsáveis pela seleção dos curadores possuem grande responsabilidade, e eles mesmos necessitam estar atualizados e afinados com as novas tendências.

A função do curador é uma das mais importantes no mundo das artes, já que a ele cabe a mediação entre criador e público. Como não é possível veicular a integralidade da produção existente em uma área, essa terá necessariamente de passar por um filtro, e esse filtro é a Curadoria. Se esse profissional não ocupar o cargo por reconhecido mérito, e sim por algum tipo de favorecimento ou amizade, podemos prever as graves consequências que isso trará ao desenvolvimento de um determinado projeto.

2.3 Transcrições

Há, na tradição clássica, o respeito à partitura original e desvios a essa diretriz geralmente são mal recebidos. Certamente, é fundamental conhecer as obras na sua integridade e originalidade, mas boa parte dessa convicção advém da permanência de uma concepção romântica da arte vigente ainda nos dias de hoje.

Segundo essa perspectiva, o compositor, cultuado como gênio, produz uma obra superior que não deve ser alterada em nenhum detalhe. Embora iniciada na segunda metade do século 19, a concepção alcançou seu apogeu na Modernidade, quando a ela se acrescentou a dimensão musicológica das pesquisas baseadas em documentos originais. O momento contemporâneo, com sua nuance de pós-modernidade, abre uma janela para se revisar essa prática.

Não se estão considerando aqui arranjos e transcrições simplificados, que sempre existiram e servem basicamente para um público pouco seletivo. Nesse caso, as versões acabam, sim, por alterar a obra original, descaracterizando-a significativamente. E se forem apresentadas sem adequada contextualização e sem informações relativas à peça em sua forma original, não podem ser consideradas seriamente.

No entanto, o autor, a partir de uma experiência pessoal de quase três décadas como compositor e professor de orquestração, notou ser possível constatar o potencial criativo que as transcrições possuem, referindo-se a um tipo de orquestração autoral, na qual todas as características da peça original ficam preservadas; porém, veiculadas agora sob a ótica do responsável pela nova instrumentação. Se o trabalho é feito de modo cuidadoso e informado, essas transcrições proporcionam uma apreciação renovada.

A execução, por um Conjunto de Câmara, de uma obra escrita originalmente para orquestra por meio de uma transcrição realizada especialmente para esse grupo, trará um interesse especial para que se assista a essa experiência ao vivo e, em muitos aspectos, assemelha-se à apresentação de uma obra inédita.

Para quem tem familiaridade com o original, a versão trará sabor de novidade; para quem conhecer a peça por meio da transcrição, poderá ser gerada motivação para que procure, nos diversos canais de mídia hoje acessíveis, a obra em sua integralidade.

Acrescenta-se ser imprescindível que as informações completas (sobre a composição original e sobre a transcrição) sejam fornecidas de maneira clara e precisa para o público. É a seriedade com que for tratada a divulgação desses dados que distinguirá a postura amadora da profissional.

Por meio de uma Curadoria segura (cf. item 2.2), poderia haver encomendas de transcrições para compositores e arranjadores de linhas específicas e que seriam apresentadas em concertos com perfil estético bem delineado. Além disso, os músicos de grupos de câmara devem ser incentivados a estudar orquestração e, a partir daí, realizarem eles mesmos transcrições para seus conjuntos. Embora não

seja o foco do artigo, neste item também se podem incluir versões de obras que convencionalmente se afastam do repertório associado à música clássica, como exemplos advindos do jazz ou de outros gêneros mais comerciais.

2.4 *Indie classical*

Indie classical (“clássico independente”) é um conceito que vem se desenvolvendo em âmbito internacional nos últimos anos e ganha pouco a pouco maior relevância. Sob essa denominação genérica, e ainda sem definição mais precisa, agrupam-se músicos, conjuntos e orquestras que começam a se ver como produtores musicais independentes, ou seja, procuram administrar suas próprias carreiras sem vínculo a instituições.

Tradicionalmente, a música clássica é mantida por entidades oficiais (órgãos do Governo Municipal, Estadual ou Federal) e também por grandes grupos empresariais; geralmente, empresas de capital misto ou poderosas instituições econômicas privadas.

É certo que a produção de espetáculos maiores dificilmente ocorrerá se não forem financiados por essas instituições; porém, eventos de médio e pequeno porte podem ser produzidos pelos próprios músicos que, nesse caso, terão de enfrentar os desafios da captação de recursos. Grupos de teatro e de música popular desenvolvem com regularidade essa prática, ainda não amplamente disseminada no campo da música clássica.

Apesar das óbvias dificuldades que ameaçam essa postura, as vantagens também são evidentes. Instituições estatais e grandes empresas privadas estão subordinadas ou à visão política de um determinado Governo (como é o caso das primeiras) ou à imagem que se deseja projetar (caso das segundas); os eventos de música clássica, portanto, devem corresponder às expectativas esperadas.

Pela prática *indie classical*, abre-se uma via para que músicos organizem concertos de maneira mais próxima a suas convicções artísticas, além de contribuir

para a renovação do gênero, vez que, guiados por sua independência, torna-se possível a realização de propostas artísticas menos convencionais.

2.5 Novas mídias

No século 21, a música clássica deixa de ser, definitivamente, uma música que se ouve apenas em concertos. Gravações em estúdio e ao vivo, disseminadas por diferentes meios físicos ou digitais, e todo o aparato tecnológico que permeia esse universo são, há bastante tempo, ocorrências cotidianas. O músico do presente e do futuro terá de, cada vez mais, lidar com esses recursos e aproveitá-los da melhor forma possível.

Se é verdade que a tecnologia proporciona inúmeros momentos de acesso à música de qualidade, também na experiência ao vivo ela pode ser fator de intensificação da vivência artística do público. O uso de amplificação adequada, equalizando a acústica para que esta seja uniforme em todos os lugares da sala, ou a presença de telões, à maneira da música pop, para que o público se aproxime do intérprete e acompanhe em detalhe sua *performance*, são recursos que precisam fazer parte da rotina dos concertos.

Um dos maiores equívocos que o músico clássico tende a cometer, em grande parte devido à sua formação, é simplesmente transferir o que seria um concerto “tipo século 19” para uma nova plataforma. Isso em geral não dá certo. É necessário entender as características próprias dessas novas mídias e criar eventos especificamente para elas, eventualmente, buscando assessorias específicas para as áreas com as quais o artista não se sente competente.

Será fácil perceber como os itens comentados anteriormente podem ser combinados de maneira criativa e atraente se forem considerados os recursos que as novas mídias proporcionam.

3 OBSTÁCULOS

Existem dificuldades para que as diretrizes apontadas no artigo se tornem usuais, embora a tendência seja que as mudanças caminhem nessa direção. Apresentam-se a seguir três problemas, também de natureza sistêmica, que estão na raiz de muitos desses obstáculos.

3.1 Complexidade do código musical

A música clássica exige um conhecimento específico, que só se adquire com estudos realizados ao longo de muitos anos. Não se pode abrir mão desse treinamento; na verdade, ele deve ser o mais rigoroso possível. Por isso não é simples para um músico de concepção conservadora se apresentar em espaços não convencionais. Até mesmo falar com o público pode ser complicado para quem não tem personalidade extrovertida.

O concerto tradicional não se estruturou da forma como é hoje por acaso. É ali que estão reunidas as condições ideais nas quais o *performer* clássico se sente mais adaptado; qualquer alteração pode se tornar um problema, prejudicando a execução ou, pelo menos, desviando a necessária concentração.

Certa vez, num diálogo entre o autor e uma pianista, de formação bastante acadêmica, ela expressou que não gostava de conversar com a plateia. Seu objetivo era simplesmente tocar (“entrar muda e sair calada”, poderíamos dizer numa linguagem informal).

Ela acreditava que tudo que tinha a dizer deveria ser transmitido por meio de sua interpretação e as palavras, nesse caso, ou seriam supérfluas ou indicariam que seu objetivo como artista não foi alcançado. Numa situação como essa, até mesmo a recomendação que muitas vezes se faz de que ao público seja permitido aplaudir entre os movimentos de uma obra pode causar transtorno.

Reconhece-se a justificativa de tal postura, e ela é bastante respeitável. Concertos com esse perfil continuarão existindo, e é uma experiência ímpar participar deles, seja na condição de intérprete, seja na de público. O problema é

que esta é uma postura mais integrada a uma visão de arte do passado, um tanto distante do momento que vivemos agora e da posição que a música ocupa na hierarquia das necessidades modernas. O que se propõe é um ajustamento, sem perda de qualidade, visando a aproximar a veiculação da música clássica à maneira como outras formas de Arte se inscrevem na sociedade contemporânea.

Entende-se que se trata de um passo necessário. O intérprete deve ser aconselhado a incorporar na sua formação a capacidade de adaptação a novos espaços e a buscar uma interação maior com o público.

Como comentado, um concerto é uma encenação, semelhante a uma peça de teatro ou a um espetáculo circense. Por essa razão, será útil o músico possuir alguma noção técnica sobre atuação, tanto do ponto de vista teórico, quanto do prático. Para que o futuro da música clássica seja vibrante, a formação dos novos agentes deverá incorporar conhecimentos sobre ação cênica e suas diferentes possibilidades.

3.2 *Funding*

Funding é o termo empregado no mundo econômico para financiamento, ou seja, o levantamento de fundos com o objetivo de realizar determinado empreendimento. Onde obter recursos para esses “novos” espetáculos? O problema torna-se mais relevante no caso do *indie classical*, que terá de contar apenas com o que o próprio grupo conseguir.

Possivelmente, esse é o maior empecilho para que a renovação ocorra de modo mais ágil. Superar essa dificuldade é tarefa complexa, e não se propõe aqui apresentar uma solução. Deseja-se, unicamente, reiterar que esse conhecimento integra o conjunto de domínios necessários ao músico nos dias de hoje, e isso lhe será exigido cada vez mais.

Seria altamente recomendável que a música clássica fosse tratada como um negócio, no melhor sentido que a palavra possui, e essa postura fizesse parte do processo de formação dos novos intérpretes.

Muitos aspectos do *funding* escapam do âmbito da música, e por mais que se trabalhe com empenho, uma sensação de frustração pode surgir. O fluxo de recursos para eventos artísticos depende do estado da Economia como um todo, e também é influenciado pela importância que aquela atividade tem para determinada comunidade. No entanto, por mais desvios que encontremos à nossa frente, caminhamos para uma época em que a autonomia do trabalho e do trabalhador qualificado será cada vez maior, e o músico não deve permanecer à margem desse processo.

3.3 Arte no Romantismo e arte na Pós-modernidade

Há, ainda, um obstáculo de natureza estética. O conceito de arte vigente nas primeiras décadas do século 21 difere muito daquele predominante na segunda metade do século 19, quando foram criadas a maioria das obras integrantes do repertório *mainstream* da música clássica. Isso explica, em grande parte, porque os eventos do gênero, e a própria formação dos músicos, prendem-se tanto à tradição.

Trata-se de uma prática erguida sobre o imaginário romântico, no qual habitam gênios sobre-humanos que existem para ser admirados e preservados. Nos dias de hoje, a Arte perdeu grande parte de sua componente metafísica, mas continuamos a idealizar concertos como se pouca coisa houvesse mudado. Apenas um entendimento amadurecido acerca dessa situação nos levará a uma saída que combine, de maneira efetiva, o que se deve conservar com o que seria recomendável assimilar das mudanças mais recentes.

Certas convenções do mundo clássico fazem hoje pouco sentido, e uma alteração bem concebida não trará prejuízo para a qualidade do espetáculo. Pelo contrário, será capaz de renovar as obras do cânone estabelecido e fazê-las dialogar de modo mais relevante com o mundo contemporâneo, impregnado de componentes pós-modernos, nos quais a arte se apresenta cada vez mais indefinida.

As sugestões para que a música clássica tenha uma relação de maior significância com o público, e assegure seu protagonismo, passam pela formação

dos músicos. O papel da educação dos novos artistas, no que se refere a seu aprimoramento técnico e a seu desenvolvimento cultural, não pode, em momento algum, ser negligenciado. Ao longo da História, tocar e pensar sobre música andaram um tanto separados; no mundo atual essas duas atividades convergem para uma só.

O concerto clássico tradicional é um espetáculo belíssimo, de imensa riqueza emocional. Ele continuará a existir, promovido por entidades especializadas e voltado para um público aficionado, que embora decrescente é relevante.

A indagação que se apresenta neste artigo, no entanto, parte de um descontentamento com a situação restrita na qual o gênero sobrevive, e da crença de que ele tem muito a contribuir para o enriquecimento psicológico das pessoas, se conseguir ser transmitido para um público renovado. Propostas, enfim, para que o futuro da música clássica seja bastante próspero.